



**INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS**

**BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**ANDRÉ VICTOR DA SILVA OLIVIERA**

**“CAMPO” E “CIDADE”: PERSPECTIVAS ENTRE O FICAR E SAIR DE  
JOVENS DA COMUNIDADE DE CURRAIS II – CE**

**REDENÇÃO-CE**

**2017**

**ANDRÉ VICTOR DA SILVA OLIVEIRA**

**“CAMPO” E “CIDADE”: PERSPECTIVAS ENTRE O FICAR E SAIR DE  
JOVENS DA COMUNIDADE DE CURRAIS II – CE**

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carla Susana Alem Abrantes.

**REDENÇÃO-CE**

**2017**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da UNILAB  
Catalogação de Publicação na Fonte.

---

Oliveira, André Victor da Silva.

042c

"Campo" e "Cidade": perspectivas entre o ficar e sair de jovens da comunidade de Currais II - CE / André Victor da Silva Oliveira.

- Redenção, 2017.

41f: il.

Monografia - Curso de Humanidades, Instituto De Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira, Redenção, 2017.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Susana Alem Abrantes.

1. Juventude. 2. Campo. 3. Cidade. 4. Representações. I.  
Título

CE/UF/BSCL

CDD 136.7354

---

**ANDRÉ VICTOR DA SILVA OLIVEIRA**

**“CAMPO” E “CIDADE”: PERSPECTIVAS ENTRE O FICAR E SAIR DE  
JOVENS DA COMUNIDADE DE CURRAIS II – CE**

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carla Susana Alem Abrantes.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carla Susana Alem Abrantes. (Orientadora)  
Instituto de Humanidades e Letras – Bacharelado em  
Humanidades e Antropologia

---

Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Lailson Ferreira da Silva.  
Instituto de Humanidades e Letras – Bacharelado em  
Humanidades e Antropologia

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Grazielle Cristina Dainese de Lima.  
Instituto de Humanidades e Letras – Bacharelado em  
Humanidades e Antropologia

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho à minha família que é e sempre foi o meu porto seguro. Sem eles eu não teria conseguido chegar aonde estou, pois sempre estão me apoiando e dando o melhor que podem oferecer. E em especial dedico este trabalho ao meu avô José Rodrigues que faleceu no ano de 2017, pois – não importava a hora ou local – ele sempre perguntava como andavam os meus estudos, mostrando-se sempre preocupado com o meu bem-estar e com a minha formação. E hoje o que eu posso dizer para o meu avô é que eu consegui alcançar meu objetivo de concluir uma graduação. Tenho toda certeza desse mundo que aonde ele estiver, ele estará feliz por mim.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, quero agradecer a Deus pelo dom da vida, pela família que me destes, pelos meus amigos, pelas oportunidades e por toda a minha trajetória acadêmica.

Quero agradecer à minha família, em especial a meus pais Aurilene e Zeozete que sempre estão comigo nos momentos de alegrias e tristezas e apoiam meus estudos a todo momento. Ao meu irmão Pedro Rennan por ser meu maior motivo de alegria e orgulho. Obrigado por fazerem parte da minha vida.

Também sou grato aos meus amigos do ensino médio que estão comigo até hoje, dividindo os melhores momentos de alegria, diversão e compaixão. Amo todos vocês, quero leva-los para o resto da minha vida.

Agradeço aos meus amigos da UNILAB, em especial ao Ailton, Vânia, Raiane, Ruthe, Gutemberg, Mickael, Eliza, Nayane e Tatiana. Obrigado por serem as melhores pessoas desse mundo, e por estarem sempre comigo diante de diversas situações. Vocês são mais que amigos para mim, são irmãos.

Um agradecimento especial à minha orientadora Carla Susana, que me ajudou profundamente para a realização deste TCC. Gostaria de enfatizar o seu trabalho árduo e bem feito, além de destacar o quanto é uma pessoa exemplar e que me fez crescer muito como pesquisador.

Agradeço também a todos os jovens entrevistados, que foram os principais envolvidos para construção deste trabalho, pois vocês foram a peça chave para a minha pesquisa.

Quero agradecer a UNILAB, por me proporcionar as minhas melhores experiências e também gostaria de acrescentar a importância das reflexões e ensinamentos dos meus professores durante meu percurso na academia.

## RESUMO

### “CAMPO” E “CIDADE”: PERSPECTIVAS ENTRE O FICAR E SAIR DE JOVENS DA COMUNIDADE DE CURRAIS II – CE

Este trabalho intitulado “Campo’ e ‘cidade’: Perspectivas entre o ficar e sair de jovens da comunidade de Currais II - CE. ”, teve como objetivo analisar a visão dos jovens sobre o espaço onde vivem, seus anseios e perspectivas para o futuro. Tendo em vista que muitos dos entrevistados não veem o “campo” como um espaço onde possam realizar seus sonhos, busquei – a partir das minhas leituras em diálogo com as respostas de seus interlocutores – desmistificar os conceitos atribuídos para o “campo” e para a “cidade” e como esses termos estão envolvidos, ainda hoje, no processo de decisão do jovem entre o ficar e sair de sua localidade de origem. A pesquisa foi realizada na comunidade rural de Currais II, interior do Ceará, tendo um caráter qualitativo, ou seja, tendo como métodos de investigação questionários, conversas e debates que aprofundassem o tema junto a interlocutores. Uma revisão bibliográfica foi também realizada para que pudesse haver uma reflexão acerca do assunto, dialogando com autores que trabalham especificamente com essa temática. Os resultados mostraram-se eficazes, considerando que este trabalho será um resultado inédito para a comunidade, pois relata como alguns jovens deste local pensavam as categorias “campo” e “cidade” na segunda década do século XXI e quais as suas perspectivas diante do espaço onde vivem em conjunto com o seu futuro. Os dados apresentados servem como acervo para as futuras gerações de Currais II.

**Palavras-chave:** Juventude, campo, cidade, representações.

## **ABSTRACT**

### **“COUNTRYSIDE” AND “CITY”: PERSPECTIVES BETWEEN THE STAY AND LEAVE OF YOUNG PEOPLE OF THE COMMUNITY OF CURRAIS II - CE**

This work titled "Countryside' and 'city': Perspectives between the stay and leave of young people of the community of Currais II - CE.", had as objective to analyze the vision of the young people about the space where they live, their hopes and perspectives for the future. Since many of the interviewees do not see the "countryside" as a space where they can fulfill their dreams, I sought - from my readings in dialogue with the answers of their interlocutors - to demystify the concepts attributed to the "countryside" and to the "city" and how they reflect until today in the decision process of the young person between the stay and leave of its locality of origin. The research was carried out in the rural community of Currais II, in the interior of Ceará, having a qualitative character, that is, having the research methods questionnaires, conversations and debates that deepen the subject with interlocutors. A bibliographical research was made so that it could be a reflection about the subject, dialoguing with authors who work specifically with these themes. The results were effective, because this work will be a unique result for the community, as it will report how some young people from this place thought of the categories "countryside" and "city" in the second decade of the 21st century and what their perspectives of the space where they live together with your future. The data presented serves as a collection for the future generations of Currais II.

**Keywords:** Youth, countryside, city, representations.

## ILUSTRAÇÃO

<b>IMAGEM 1 – Visão via satélite da comunidade de Currais.....</b>	<b>24</b>
--	-----------

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1. “CAMPO” VERSUS “CIDADE”.....</b>	<b>14</b>
1.1 “Campo” e “cidade”, rural e urbano: A criação histórica de mitos acerca das dicotomias. ....	14
1.2 O processo da dicotomia “campo” e “cidade” no Brasil.....	20
<b>2. FICAR OU SAIR DO “CAMPO”: UM DILEMA PARA OS JOVENS DA COMUNIDADE DE CURRAIS II.....</b>	<b>24</b>
2.1 Comunidade de Currais II: Caracterização da localidade. ....	24
2.2 Os jovens de Currais II (CE) e a sua relação com a comunidade. ....	26
2.3 Perspectivas para o futuro. ....	32
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS. ....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS. ....</b>	<b>39</b>
<b>ICONOGRAFIA .....</b>	<b>40</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>41</b>
Apêndice 1 – Roteiro das entrevistas com os jovens de Currais II. ....	41
Apêndice 2 – Termo de Consentimento. ....	42

## INTRODUÇÃO

Este trabalho, intitulado “Campo e cidade: Perspectivas entre o ficar e sair de jovens da comunidade de Currais II – CE. ”, surgiu a partir do meu incômodo em relação ao que muitas pessoas pensam sobre o “campo” e principalmente às noções pejorativas que a ele são atribuídas. Com questionamentos e dúvidas iniciais procurei me dedicar a essa temática em busca de respostas acerca deste descontentamento, pois, assim como muitas pessoas, eu também me encontrava diante de um pensamento formulado que não incluía o meio rural como espaço que pudesse estabelecer um futuro promissor.

Diante da minha inquietação, resolvi oficializar o meu objeto de estudo: os jovens da comunidade rural de Currais II. E por que jovens? Porque é nessa faixa etária que começa a se estabelecer uma personalidade, conceitos sobre a sociedade, além de ser um período de transição entre a vida adolescente para a adulta, com momentos de grandes escolhas, principalmente de cobranças sobre o seu futuro. E foi partir destes anseios que pude verificar como se configura o processo de decisão dos jovens entrevistados diante do ficar ou sair de sua localidade. Mas a questão central é: o que influencia estes jovens e quais os motivos de tomarem tal decisão?

A categoria “jovem” já é complexa por si só e a sua vinculação ao “campo” a torna ainda bem mais estereotipada, pois no que se refere ao mundo rural, a juventude ainda permanece numa situação de invisibilidade decorrente de uma visão muitas vezes equivocada que tem dificultado a compreensão da sua complexa inserção num mundo culturalmente globalizado (CARNEIRO, 1998). Vale ressaltar que o termo “juventude rural” muitas vezes é reduzido apenas ao trabalho agrícola e não evidencia o “campo” como um espaço heterogêneo com múltiplas possibilidades e é por isso que há muitos equívocos em relação ao que se pensa sobre esse ambiente.

O principal objetivo deste estudo é buscar uma compreensão dos fatores que influenciam e levam os jovens da comunidade de Currais II, filhos de familiares da região, a tomarem suas decisões pessoais que, direta ou indiretamente, estão associadas à lógica do trabalho como perspectiva para seus futuros. Seguindo este contexto, a presente discussão busca analisar as falas de cada entrevistado, pois

cada um possui um contexto social diferenciado. Foram essas diferenças de idade, pensamentos, sentimentos e de sonhos que eu quis buscar para o meu trabalho. É por isso que CASTRO (2005) em sua tese procura desmistificar essa categoria:

“Permeada de definições genéricas, associada a problemas e expectativas, a categoria tende a ser constantemente substantivada, adjetivada, sem que se busque a auto percepção e formação de identidades daqueles que são definidos como “jovens”. Há muito a ser percorrido neste campo investigativo para nos aproximarmos das muitas juventudes “urbanas” e “rurais”. (CASTRO, 2005, p. 18)

Este trabalho será de uma importância significativa tanto para mim, quanto para os envolvidos na pesquisa, pois como morador da comunidade também me incluo nos anseios do resultado desta análise. E este será o primeiro trabalho científico em grandes proporções de Currais II. Fico muito feliz por estar contribuindo para este feito, que possibilitará fornecer informações acerca de vários aspectos oriundos da comunidade, e principalmente voltados para aqueles que contribuirão para o futuro deste espaço.

A metodologia deste trabalho se deu através de pesquisas bibliográficas de autores que abordaram diretamente o tema da minha pesquisa. Também houve o processo de entrevistas em seu caráter qualitativo, que englobou cerca de seis jovens residentes da comunidade estudada e a prática em campo que possibilitou uma análise mais profunda dos objetos do estudo. Como sou conhecedor de boa parte dos moradores de Currais II, o processo de escolha dos entrevistados não foi aleatório: busquei analisar os jovens que se distinguiam e por um conhecimento prévio, aqueles que tinham uma realidade social diferenciada, para que houvesse uma variedade de opiniões em diversos contextos. No processo de coleta de dados, os meios que me possibilitaram recolher informações foram as entrevistas semiestruturadas<sup>1</sup> e conversas informais que em sua maioria acabaram se tornando diálogos e debates sobre diversos aspectos que abordam e ajudam a entender o ponto de vista de cada interlocutor. O meu intuito não era que eles trouxessem respostas automáticas para as perguntas, e sim que oferecessem questões, indagações e principalmente expressassem suas opiniões da forma mais natural possível, trazendo assim uma legitimidade diante das falas e uma credibilidade maior para esta pesquisa.

---

<sup>1</sup> O roteiro das entrevistas se encontra no Apêndice 1.

Este trabalho possui dois capítulos, o primeiro, intitulado “Campo *versus* cidade” retrata alguns dos processos históricos acerca da criação de mitos sobre o “campo” e a “cidade”, que tenta explicar as atribuições destas categorias ao longo do tempo, fazendo referência a diversos autores que buscam entender e desmistificar os conceitos vinculados a estes polos. Também é destacado o processo dicotômico do “campo” e da “cidade” no Brasil, mostrando dados e mencionado autores brasileiros que estudam estes fenômenos para a realidade do país. Esta parte teórica é de mera importância, pois ajuda a focar a pesquisa, permitindo que os conceitos auxiliem na construção do objeto e nas possíveis respostas para o capítulo seguinte.

É no segundo capítulo que se encontra a parte prática e empírica deste trabalho, ao mostrar em seu primeiro tópico a descrição da comunidade de Currais II, que é o espaço onde está a peça chave em torno desta empreitada, pois é diante dessa apresentação do ambiente que podemos ter um panorama do local onde os jovens entrevistados estão inseridos. Em sequência, é mostrada a relação dos jovens com a própria localidade e seus projetos e metas para o futuro. E por último a conclusão que traz os resultados, possíveis soluções para o problema e o legado deste trabalho não só para os jovens, mas para toda uma comunidade.

## 1 “CAMPO” VERSUS “CIDADE”.

### 1.1 “Campo” e “cidade”, rural e urbano: A criação histórica de mitos acerca das dicotomias.

“Campo” e “cidade”: porque são considerados polos extremos de uma dicotomia? Essa pergunta nos leva a perceber o quanto é grande a complexidade de tal questionamento. Para compreender essa indagação é necessário conhecer o contexto histórico que influenciou o pensar sobre “campo” e “cidade”. Mitos construídos solidificam essa dicotomia, mas é fundamental entender o processo de “construção” deles ao longo do tempo para que se possa compreender os contextos que lhe são atribuídos.

O que se designa por “campo” e “cidade” tornou-se uma oposição. De um lado temos o “campo”, visto como natural. E de outro a cidade, considerada artificial. A tecnologia emancipou o homem da dependência extrema dos fatores naturais. Por isso na “cidade” o sentido de produção aparentemente se mostra de maneira mais expressiva, portanto, a emancipação é maior. No campo, as mudanças estão sujeitas à lógica da natureza. E é a partir disso que se limita o sentido do natural para o “campo”, e do não natural ou produzido racionalmente pela lógica humana, para a “cidade”.

Alguns pontos são inquestionáveis a respeito dos atributos das “cidades”: a capacidade de criar e distribuir mercadorias, a rapidez e intensidade das mudanças, e a forma de como tudo é processado nas grandes indústrias, chegando em larga escala para uma grande quantidade de pessoas. E a partir disso, frente a “cidade”, como ficaria o “campo”? A maioria das pessoas diriam: imutável, atrasado e homogêneo. Os mitos da imutabilidade e homogeneidade do “campo” são construídos a partir de fatos aparentes: as cidades estão em constantes mudanças, sendo que se transformam em uma velocidade bem superior, atingindo uma quantidade muito maior de pessoas e a heterogeneidade é algo de ampla visibilidade, já que pessoas de várias regiões de culturas e costumes, além de outros fatores, se encontram nas metrópoles em busca de oportunidades e melhoria de vida. Mas seriam a mudança e a heterogeneidade características apenas das cidades?

A existência de diferentes civilizações rurais com costumes, instrumentos e cultura diferenciada é a prova dessa heterogeneidade. Williams (1988) ressalta essa heterogeneidade do “campo” (referindo-se à Inglaterra da segunda metade do século XX como foco de sua reflexão) quando escreve sobre a realidade histórica afirmando que “é surpreendentemente variada”. Para o autor, a vida campestre “engloba as mais diversas práticas – de caçadores, pastores, fazendeiros e empresários agroindustriais”, e a organização varia “da tribo ao feudo, do camponês e pequeno arrendatário à comuna rural, dos latifúndios e *plantations* às grandes empresas agroindustriais capitalistas e fazendas estatais” (WILLIAMS, 1988, p.11).

Segundo Williams (1988) o contraste retórico se cristalizou com Roma, momento em que a “cidade” ganha o status de organismo independente e mostrou-se o oposto do campo. “Essa vida fervilhante, de lisonja e suborno, de sedução organizada, de barulho e tráfego, com ruas perigosas por causa dos ladrões, com casas frágeis e amontoadas, sempre ameaçadas de incêndio, é a cidade como algo autônomo, seguindo seu próprio caminho” (WILLIAMS, 1988, p. 70). Então a lógica da cidade foi comparada com a do campo, e se tornando o seu oposto. E é por isso, que o campo era associado como lugar do passado e do atraso, como um refúgio da cidade, e esses mitos tinham suas bases fundadas numa realidade aparente: a relação com o feudalismo.

O “campo” se encontrava em atribuição a uma lógica feudal, sendo que essas estruturas feudais se tornaram incompatíveis ao desenvolvimento capitalista ao longo da história. Portanto, se o “campo” trazia características semelhantes de um sistema feudal, e esse sistema por sua vez representava em seu passado algo esquecido e envelhecido, logo, tais aspectos foram sendo atribuídos ao que se passou a perceber como “campo”, fortalecendo assim os mitos. A relação entre “campo” e modo de produção feudal não foi o motivo do problema, mas foi a associação do feudalismo a aspectos pejorativos que trouxe a ideia de atraso como um atributo do “campo”. Então, se ser feudal era ser atrasado, e esse sistema estava associado ao “campo”, é possível entender que oposto disso tudo, logo foi associado a cidade.

O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se à ideia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação. (WILLIAMS, 1988, p. 11).

A “cidade” se configurou como o local de sabedoria e inteligência. E é nesse sentido, que há uma semelhança dos tempos em que vivemos hoje no Brasil com a obra de Raymond Williams (1988), quando o próprio autor chama a atenção para o fato de que muitas pessoas possuem a visão de que no campo as pessoas são ignorantes. Pois, no caso do filho do fazendeiro, aquele que habitava no campo não seria tão esperto quanto aquele, que em algum momento da vida foi viver na “cidade” para estudar. O próprio autor passou por experiência semelhante: “[...] eu vim de uma aldeia para uma cidade: para ser ensinado, aprender; entregar fatos pessoais, incidentes de uma família, a um registro geral; aprender dados, conexões, perspectivas diferentes.” (WILLIAMS, 1988, p. 17)

Raymond Williams convida a pensar como devemos nos indagar sobre as diferenças entre “campo” e “cidade”. Para ele não devemos “[...] perguntar apenas o que está acontecendo, num dado período, com as ideias do campo e da cidade, mas também a que outras ideias, dentro de uma estrutura mais geral, elas estão associadas.” (WILLIAMS, 1988, p. 388). Devemos observar que a ideia que se tem tanto de “cidade” quanto de “campo”, está associada com o tempo e o contexto em que é produzida. Em determinados séculos vemos a “cidade” associada à riqueza, enquanto que em outros ela é associada à marginalidade, caos e insegurança, sendo que em outros tempos, era associada à ideia de evolução, desenvolvimento tecnológico e progresso.

É necessário entender o processo como um todo. Confrontar as realidades históricas de cada pensamento, analisando o tempo em que foram produzidos em associação com o ser humano que as produziu, a partir de suas vivências e costumes.

Assim, concordo em ver a cidade como representação do capitalismo, tal como muitos estão fazendo agora, desde que possa afirmar também que este modo de produção teve origem especificamente na economia rural da Inglaterra e lá produziu muitos dos efeitos característicos que foram posteriormente encontrados, em diversas formas, em cidades e colônias e em todo um sistema internacional. (WILLIAMS, 1988, p. 391).

A partir desse contexto, essa dicotomia entre “campo” e “cidade” afeta muito o imaginário social de hoje, que se atribui características únicas e imutáveis para essas categorias. E é nesse contexto que se observa o quanto toda essa ideia se

propagou na mente de muitas pessoas acerca do que é “campo” e o que é “cidade”.

O rural e o urbano, para serem compreendidos no contexto contemporâneo, estão vinculados ao seu par dialético, ou seja, “campo” e “cidade”. E para melhor expressar esse conceito sobre campo-cidade e rural-urbano, é necessário distinguir os seus significados, pois como destaca Whitaker (2010, p. 191):

Esta distinção é necessária porque cidade e campo se caracterizam por representar concentração e dispersão [...]. Urbano e rural se distinguem por serem atributos e constituintes, condições e condicionantes. Enfim, cidade e campo são formas espaciais. Urbano e rural possuem, [...] uma dimensão processual, são conteúdo e contingente.

A complexidade e graus de intensidade que as relações campo-cidade e rural-urbano assumiram ao longo da história, em contextos espaciais diferenciados, levaram a formulação de abordagens variadas, já que em cada período histórico, lugares e sociedades diferentes, se consolidou diferentes modos de integração entre esses espaços. Pois o “rural e urbano denotam processos e sua identificação perpassa a compreensão de que são, também, fenômenos.” (WHITACKER, 2010, p. 90).

Moreira (2012, p. 18) destaca que as “características das múltiplas funções existentes no espaço rural variam de região para região, depende das potencialidades naturais, da distância dos centros urbanos e das necessidades socioeconômicas.”. Por isso que vale ressaltar a importância de onde, quando e por quem são definidas as categorias de “campo” e “cidade”, sendo que variam de acordo com a realidade local em determinado tempo ou período. E para exemplificar destaca Bagli (2006, p. 49):

Desde o século XVIII, a problemática das cidades já provocava descontentamento nas pessoas que nela residiam. Se outrora apenas qualidades lhe eram atribuídas, associações pejorativas tornaram-se inevitáveis: barulho, sujeira, doenças, perversidade. Novas associações também surgiram para o campo, contrapondo a realidade citadina: tranquilidade, sossego, paz. Tais associações não diluem a dicotomia campo – cidade, ampliam-na. As novas associações dilataram os contrastes, criando novos mitos.

Por isso para desconstruir os mitos, é fundamental não se limitar apenas a uma dicotomia, mas sim ao processo como um todo, acerca de como tais concepções foram sendo construídas pois as relações entre “campo” e “cidade”

possuem uma ampla variedade de fatores que devem ser pensadas em termos de estrutura, forma, conteúdo e sua função regional. Dessa forma, a relação “campo” e “cidade” embora tenha se intensificado no período contemporâneo, continua se referindo a espaços que apresentam características que são particulares e específicas, mas que não impedem a conexão entre ambos, pois não são apenas espaços geográficos distintos. Eles se conectam por que um precisa do outro para que haja um equilíbrio dos recursos que cada um pode oferecer. E é por isso que “cidade e campo são dimensões ao mesmo tempo distintas e complementares da existência social e, como característica comum, são formas espaciais” (WHITACKER, 2010, p. 90). Como veremos no capítulo 2, esta dicotomia aparece nos discursos dos jovens entrevistados, fortalecendo a percepção de ambos sobre “campo” e a “cidade” e como esses espaços serão integrados em suas perspectivas para o futuro.

A abordagem que considera a dicotomia campo-cidade, vincula-se a uma visão que conceitua o “campo” apenas como restrito à produção agropecuária e agrícola e a “cidade” voltada para a produção industrial e o fornecimento de serviços básicos para os habitantes que nela residem. Nesse contexto, essas definições clássicas constituem-se um alicerce para a formulação de conceituações dicotômicas que se propagam até hoje acerca do rural e urbano. Por isso destaca Reis (2006, p.3):

[...] pouco antes da disseminação do capitalismo urbano-industrial pelo mundo, originou-se um conflito entre duas realidades distintas: o urbano, símbolo de incorporação do capitalismo e do progresso da técnica, e o rural, refúgio da aristocracia decadente e de antigas relações e formas de vida. A dicotomia entre rural e urbano procurava representar, portanto, as classes sociais que contribuíram para o aparecimento do capitalismo industrial ou que a ele se opunham na Europa do século XVII e não a um corte geográfico propriamente dito. A partir disso, o urbano passa a ser associado ao novo, ao progresso capitalista das fábricas, e o rural, ao velho, ou seja, à velha ordem social vigente.

Com o processo de desenvolvimento histórico e de consolidação das “cidades”, as referências das dicotomias rural x urbano se intensificaram e se alastraram fortemente a partir do século XVIII quando se iniciou na Europa a Revolução Industrial. Isso alavancou processos de urbanização e industrialização, causou na Europa, inicialmente, a divisão do trabalho entre rural e urbano e acentuou diferenças geográficas, econômicas, sociais e culturais entre os dois meios (WHITAKER, 1992).

É necessário considerar que o desenvolvimento tecnológico ocorrido diante da Revolução Industrial entre os séculos XVIII e XIX, começou a proporcionar um maior destaque para as áreas industrializadas, fazendo com que fossem referências para um novo modelo de produção, formando áreas urbanizadas com grande parcela de povoamento em busca de oportunidades, processo este, que acarretou em uma nítida diferenciação de valores para o “campo” e a “cidade”. É nesse sentido que Ferrão (2000) destaca:

[...] a emergência de uma nova sociedade urbano-industrial acarretou duas consequências principais para as áreas rurais. Por um lado, inicia-se um acentuado processo de perda de centralidade econômica, social e simbólica por parte do mundo rural. Por outro lado, este tende a ser globalmente identificado com realidades arcaicas, enquanto as aglomerações urbano-industriais são vistas como o palco, por excelência, do progresso (FERRÃO, 2000, p. 2).

No período atual não há como negar a aproximação entre os mundos rurais e urbanos, fazendo com que se torne ainda mais complicado a delimitação entre suas fronteiras, mas essa maior aproximação não leva necessariamente a homogeneização dessas categorias, pois como destaca Carneiro:

[...] não podemos entender a ruralidade hoje somente a partir da penetração do mundo urbano-industrial no que era tradicionalmente definido como ‘rural’, mas também do consumo pela sociedade urbano-industrial, de bens simbólicos e materiais (a natureza como valor e os produtos ‘naturais’, por exemplo) e das práticas culturais que são reconhecidos como sendo próprios do chamado mundo rural (CARNEIRO, 1997, p. 158).

O urbano se formou a partir do rural, e por isso se criou tal separação, dicotomia e função, devido ao espaço que cada lugar seria capaz de abranger. Mas atualmente diante de tais mudanças, as noções de campo-cidade e rural-urbano necessitam ser reformuladas e repensadas. Pois não podemos identificar o rural apenas como um espaço de pessoas ignorantes que trabalham somente em atividades agropecuárias, e nem o urbano como um espaço de pessoas civilizadas que vivem no ambiente das grandes indústrias. Por isso Marques (2003, p. 507) mostra que ao longo do tempo a dicotomia rural-urbano tem sido “substituída pelos novos relacionamentos entre o urbano e o rural, retratando as interdependências funcionais e espaciais e a necessidade de promover uma maior integração e complementaridade territorial”.

## 1.2 O processo da dicotomia “campo” e “cidade” no Brasil.

De acordo com (PEGORETTI e SANCHES, 2013) em suas pesquisas sobre a dicotomia rural x urbano e segregação sócio-espacial, até 1950, o Brasil era um país essencialmente rural, com aproximadamente 65% de sua população vivendo no campo. Já em 1960 esse percentual caiu para 55% e na década de 70 o país já possuía a maior parte de sua população vivendo nas áreas urbanas. O incremento da população urbana no país foi consequência basicamente de três fatores: do próprio crescimento vegetativo das áreas urbanas, da migração com destino urbano, principalmente a migração do campo em direção à cidade e da expansão do perímetro urbano de muitas localidades antes consideradas rurais (BAENINGER, 2003).

O processo de migração no Brasil foi se intensificando cada vez mais, acarretando uma mudança significativa no meio rural, que era predominante em décadas atrás (até 1950), fazendo com que exaltasse a ideia de que a vida urbana seria a ideal e propicia ao progresso:

Surgiram a partir da década de 1980, mudanças significativas no meio rural brasileiro. Observa-se a emergência de um espaço rural multifuncional com a introdução de uma maior diversificação econômica, em meio a novas formas de produção e subsistência, em visível contraste com o que dominava no passado. A expansão do tecido urbano sobre as áreas rurais e o crescimento do número de pessoas ocupadas em atividades consideradas, até então como exclusivamente urbanas, indicam a existência de um novo paradigma sócio espacial no Brasil. (JACINTO, J. M.; MENDES, C. M.; PEREHOUSKEI, N. A. p. 178)

O movimento migratório de moradores do “campo” para a “cidade” no Brasil foi provocado, além outros fatores, mas principalmente pelo processo de mecanização da agricultura, formação de latifúndios e por novas oportunidades de emprego. Sendo assim, o processo de crescimento dinâmico das cidades que se intensificou ao fim da Segunda Guerra Mundial no Brasil, considerou-as como um espaço propício de vida coletiva e também território de produção industrial moderna, concentrando as condições de produção exigidas pelo processo cooperativo da indústria, que necessitaria de mão de obra, proporcionando a ida de muitas pessoas do “campo” ao mercado de trabalho na “cidade”.

O “campo”, por sua vez, privilegiado pela produção agrária, perdeu seu caráter de potência após a sua subordinação à “cidade” industrial. Por isso “esta subordinação do campo à cidade significou e abrangeu não apenas o âmbito da produção e da realização do produto, mas também sua dependência face às crescentes demandas no campo por produtos, tecnologias e serviços ofertados pela cidade.” (MONTE-MÓR, 2004)

Com tudo isso no Brasil as relações entre “campo” e “cidade” se modificaram ao longo de tempo, como declara Monte-Mór:

Muitas foram as transformações ocorridas nos últimos tempos particularmente, nos últimos dois séculos na cidade e no campo. A cidade, originalmente centro político e mercantil que subordinava o campo por sua dominação político-ideológica (e militar, sem dúvida) e pela necessária realização da produção em suas praças de mercado, sofreu uma transformação radical com a entrada maciça da produção industrial em seu território. De espaço privilegiado da festa, do poder e do excedente, obra civilizatória, transformou-se em espaço precípua da própria produção, reunindo classe dominante e classe dominada em um mesmo espaço e assim subordinando definitivamente o campo à sua dominação, agora não apenas por sua organização, mas também por sua maior produtividade. (MONTE-MÓR, 2004)

O que formava o meio urbano no Brasil pós-guerra? De acordo com Monte-Mór (2004) o meio urbano eram as “cidades” grandes, médias e pequenas, sedes de eventos religiosos, cívicos, de artes, além de centros de informação e manifestação cultural nas diversas escalas. Sem contar também que eram sedes dos órgãos de Estado, das organizações civis e militares, enfim, local do poder político, jurídico e social. Eram ainda, espaço de aglomeração de pessoas vindas de diversos lugares, que necessitavam dos serviços públicos que eram melhor prestados na “cidade”. Eram também as praças de mercado para comercialização dos produtos do “campo” e da pequena produção manufatureira e industrial, além de espaços da concentração dos trabalhadores assalariados nos setores modernos da economia onde predominavam as relações capitalistas de produção, o trabalho regulado pelo Estado e o mercado de terras.

E o que era o meio rural? Monte-Mór (2004) ressalta que era o “campo”, o “rústico”, o território do isolamento, o espaço da não-política, das relações familiares, das grandes fazendas e de propriedades agrícolas. Era também o espaço das culturas de exportação nas grandes fazendas do modelo agroexportador e o espaço da subsistência dos excluídos, dos não-proprietários. Assim, o meio rural era

também o espaço do coronelismo, do analfabetismo, da ausência de serviços coletivos, dos sistemas de energia, transportes, comunicações, e do não acesso aos bens industriais modernos.

De tempos para cá, exemplificando, do pós-guerra até hoje, as inúmeras mudanças e transformações que ocorreram no mundo instigam o repensar dos significados de rural e urbano no Brasil, não apenas como conceitos ou termos, como vêm sendo historicamente utilizados, mas pela complexidade em que se colocam nessa inseparável rede de misturas: comportamentais, mercantis, tecnológicas e informacionais.

Torna-se cada vez mais difícil, contudo, delimitar, definir, compreender e refletir sobre as atuais áreas ditas rurais e urbanas brasileiras, pois em meio a um processo dicotômico evidente, as transformações territoriais, sociais, políticas e econômicas do mundo atual, faz com que a relação “campo” e “cidade”, rural e urbano precisem ser redimensionadas, já que o espaço e a sociedade se recriam, tendo novas pretensões, formas, funções e troca de lugares em meio as delimitações territoriais e sociais.

A paisagem e a criação do espaço geográfico se dão a partir da ação/intervenção do ser humano sobre o espaço natural. É pela força do trabalho que o rural e urbano é construído/modificado, e esses não são mais percebidos como antagônicos de realidades dualistas, como demonstra Carneiro (1997) ao abordar as modificações nas relações sociais e de trabalho que acarretaram a integração da visão dos espaços rural e urbano:

O ritmo das mudanças nas relações sociais e de trabalho no campo transforma as noções de “urbano” e “rural” em categorias simbólicas construídas a partir de representações sociais que, em algumas regiões, não correspondem mais a realidades distintas cultural e socialmente. Torna-se cada vez mais difícil delimitar fronteiras claras entre as cidades e os pequenos vilarejos ou arraiais a partir de uma classificação sustentada em atividades econômicas ou mesmo em hábitos culturais (CARNEIRO, 1997. p.53).

As especificidades da “cidade” e do “campo” e da relação cidade-campo no Brasil mesmo com todas as transformações introduzidas pela marcha da evolução industrial, “cidade” no Brasil permanece de fato da política. Define-se “cidade” como sede de um município e o “campo” como algo que não faz parte disso, tenha o tamanho que tiver e sejam as funções de atividades que predominem na sua

população, por isso que se define “cidade” por esta especificidade antiga que a interliga à base político administrativa do município.

A partir das leituras e releituras do rural e do urbano, têm-se chegado a múltiplos debates e conceitos sobre o que é o rural e o que é o urbano. Porém, são inúmeras as dificuldades conceituais e metodológicas impostas, há tempos, aos formuladores de políticas de planejamento público, aos demógrafos e aos pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, que encontram inadequações existentes na definição do que seja rural e urbano no Brasil.

Outro ponto a ser considerado verifica-se na realidade urbana e na realidade rural, que não são estanques e, ultimamente, têm passado por rápidas e intensas transformações, as quais ressoam de forma direta na reorganização do espaço, na redefinição de relações e na constituição de novas territorialidades. Por isso, acredita-se ser um equívoco, pensar a extinção dos espaços rurais em função do avanço do processo de urbanização e, conseqüentemente, de haver um *continuum* rural urbano, visto que, campo e cidade são espaços que se diferenciam frente ao fortalecimento de suas peculiaridades. (JACINTO, J. M.; MENDES, C. M.; PEREHOUSKEI, N. A. p. 189).

O crescimento populacional das cidades no Brasil é muito grande e as causas que influenciam as pessoas a quererem ir para o meio urbano é principalmente causado pelo impacto histórico e comparativo entre o “campo” x “cidade”. Mas primeiramente é importante que se entenda a problemática acerca da questão já mencionada, pois devemos considerar os impactos dessa construção dicotômica ao longo da história como a base principal para o nosso entendimento hoje, diante disso, essa concepção superficial que muitos possuem diante de tal complexidade, resultada em várias definições equivocadas a respeito do que é “campo” ou “cidade” e suas contribuições.

Em referência às mudanças ocorridas na relação campo-cidade, rural-urbano atualmente, pode-se constatar uma maior conexão entre ambos, sendo que essa conexão sempre existiu, mas com intensidades diferentes ao longo do tempo. Existem muitos conceitos estabelecidos na relação “campo” e “cidade” no Brasil e no mundo, mas o que devemos ressaltar é que esses conceitos e mitos são “criações” que ao longo dos séculos vem se estabelecendo em diferentes tipos de contextos e situações, fazendo com que a “cidade” ou o “campo” adquiram diferentes significados e funções de acordo com cada época, período ou transformação social.

## 2. FICAR OU SAIR DO “CAMPO”: UM DILEMA PARA OS JOVENS DA COMUNIDADE DE CURRAIS II.

### 2.1 Comunidade de Currais II: Caracterização da localidade.

Currais II é uma comunidade rural da cidade de Redenção (CE) localizada a uma distância aproximadamente de 17,5 quilômetros do centro do município e é próxima ao distrito de Antônio Diogo a uma distância de 6 quilômetros. A estrutura para o acesso do local não se encontra adequada, sem estradas ou ruas asfaltadas, com vias de acesso em condições não favoráveis, e não possui uma linha de transporte, além de apresentar dificuldades na comunicação telefônica. A comunidade é formada por aproximadamente 200 famílias de acordo com a Secretaria de Saúde do município de Redenção. A paisagem se dá por meio de árvores por toda parte, plantações em tempos de safra e casas não tão próximas umas das outras.



**IMAGEM 1: Visão via satélite da comunidade de Currais.**

Como demonstração do espaço geográfico, a imagem apresentada mostra a delimitação da comunidade e uma visão panorâmica a respeito do local onde os jovens entrevistados a seguir sempre residiram. Nota-se o afastamento de Currais II em relação a outras comunidades e uma grande variedade de propriedades rurais, que se dedicam ao cultivo de alimentos, criação de animais e principalmente usadas na safra do cajú.

A localidade de Currais II possui uma escola, mas que não é utilizada<sup>2</sup>, e para estudar, os alunos têm que se locomover para as comunidades vizinhas. Existem duas igrejas, uma católica e outra evangélica, sendo estas as religiões predominantes no local. Na questão econômica, prevalece a agricultura como maior fonte de renda e sustento para a comunidade, com atividades de colheita de feijão e milho, safra do caju e venda de castanha. A prática de comércio também é utilizada a partir de pequenos estabelecimentos de vendas como: bodegas<sup>3</sup>, mercearias e bares. Além disso, atividades autônomas voltadas a confecção de objetos para uso pessoal, vendas de cosméticos e de roupas também são bastantes evidentes, sendo este um dos principais meios para aumentar a renda no fim do mês.

A chuva acaba sendo o fator essencial para a economia de Currais II. Se não chove, a plantação e a colheita não vigoram, prejudicando assim os agricultores que ficarão sem trabalho, donos de terra que produzirá um mínimo de alimentos como: caju, feijão, milho, batata e mandioca para o consumo próprio das famílias, além de outros fatores que atingem diretamente na qualidade de vida do morador da comunidade.

Currais II é uma localidade relativamente pequena, mas que enfrenta muitos problemas, não só pela falta de infraestrutura, mas também na questão de oportunidades de emprego, locomoção e abastecimento de água, sendo este último o problema mais grave, porque se no tempo das chuvas<sup>4</sup> as cisternas ou tambores não armazenarem água suficiente, provavelmente os moradores ficarão sem abastecimento durante o verão. Em tempos de falta de água, ocasionalmente aparecem carros pipas para distribuí-la gratuitamente em tanques para o consumo de todos, mas a água não é potável, dando apenas a possibilidade de ser usada para banho, lavagem de roupas e etc. Mas não é só isso que prevalece na comunidade, ela é composta por pessoas em diversas condições sociais, mas que em sua maioria mostram solidariedade a quem necessita e isso faz com que, apesar de tudo, prevaleça um clima harmonioso e tranquilo.

---

<sup>2</sup> No ano de 2017 e no período até a conclusão deste trabalho (13/07/2017), a escola Dr. Brunilo Jacó de Castro e Silva da Comunidade de Currais II é utilizada apenas para projetos educacionais do Governo, como por exemplo: O Mais Educação do Governo Federal.

<sup>3</sup> Pequenos estabelecimentos de vendas que em sua maioria vendem bebidas alcoólicas e uma variedade de produtos importantes para o dia-a-dia. Se torna uma opção mais acessível quando não se pode ir a um supermercado.

<sup>4</sup> De acordo com os moradores e agricultores de Currais II, as chuvas mais significativas iniciam-se em dezembro de cada ano e vão até fevereiro, mas se “o inverno for bom” pode estender-se até junho ou julho, mas com uma menor intensidade.

A partir desta breve descrição, pode-se realizar um panorama do que é possível encontrar na comunidade de Currais II, verificar em que meio os jovens analisados a seguir estão inseridos, e dessa maneira levantar questionamentos, opiniões e críticas acerca dos entrevistados diante do espaço onde vivem, ou seja, dentro de um contexto social.

## **2.2 Os jovens de Currais II (CE) e a sua relação com a comunidade.**

As discussões que giram em torno do termo juventude remetem a uma série de definições divergentes. Culturalmente determinada, a demarcação desta etapa da vida é sempre imprecisa, sendo referida ao fim dos estudos, ao início da vida profissional, à saída da casa paterna ou à constituição de uma nova família ou, ainda, simplesmente a uma faixa etária (CARNEIRO, 1998).

Conforme OLIVEIRA (2006) define-se juventude a partir de cinco abordagens: faixa etária, ciclo de vida, geração, cultura ou modo de vida e representação social. Para esta pesquisa, estes aspectos se tornam imprescindíveis, uma vez que estas relações estão diretamente relacionadas ao que se propõe o estudo.

PAULO (2011) também considera que não se pode definir o jovem apenas de forma objetiva, mas sim dentro de um conjunto das subjetividades e que há a necessidade de entender esse segmento por meio da concepção de uma construção sociocultural ligada a um processo histórico. Com isso, a autora enfatiza a necessidade de entender o meio rural como um espaço de vida e as relações que os jovens vivenciam, uma vez que, somente por meio do conjunto dessas relações, com a família e com o mundo, e junto com a percepção que o próprio jovem tem dele mesmo, será possível entender as identidades desses atores sociais.

Diante dos demais aspectos apresentados nos parágrafos acima, as práticas e representações sociais dos jovens inseridos no meio rural e a sua relação entre “campo” e “cidade”, bem como seus projetos de vida, fez com que os jovens da Comunidade de Currais II passassem a ser o meu objeto de investigação, onde busco analisar os diversos contextos e situações que influenciam de alguma forma suas decisões e metas para o futuro.

De fato, para analisar as diversas situações vividas pelos jovens torna-se necessário uma análise profunda e detalhada para uma melhor compreensão de questões relacionadas à cultura, às relações sociais, ao trabalho e a outras

dimensões que reforçam a heterogeneidade vivida socialmente pelos mesmos. Carneiro (1998) em seu trabalho observa que:

O que nos interessa aqui é justamente perceber como essa categoria, "irredutível a uma definição estável e concreta" (Levi & Schmitt, 1996), é afetada pelas mudanças e crises recentes do mundo rural e como essa realidade é reelaborada na formulação dos projetos individuais e familiares em contextos sociais e econômicos distintos.

Como já dissemos anteriormente, a categoria "jovem" já é complexa por si só e a sua vinculação com o "campo" a torna ainda bem mais estereotipada, pois no que se refere ao mundo rural, a juventude ainda permanece numa situação de invisibilidade decorrente de uma visão muitas vezes equivocada que tem dificultado a compreensão da sua complexa inserção num mundo culturalmente globalizado (CARNEIRO, 1998). E é por essas e outras situações que os jovens entrevistados, inseridos em um contexto rural, acabam não percebendo o valor e a importância em permanecer na sua comunidade exercendo atividades que o espaço oferece, decorrente dessa "invisibilidade" dos trabalhos exercidos no "campo".

Assim, estudos sobre a organização social no campo referem-se ao jovem apenas na condição de aprendiz de agricultor no interior dos processos de socialização e de divisão social do trabalho no interior da unidade familiar, o que os tornam adultos precoces já que passam a ser enxergados unicamente através da ótica do trabalho (CARNEIRO, 1998).

As entrevistas em torno dessa temática ocorreram no ano de 2017. No total foram seis entrevistados com a faixa etária de 16 a 21 anos, todos residentes da comunidade de Currais II e de famílias que sempre residiram na localidade. Cada um deles concedeu duas entrevistas/conversas sobre suas perspectivas de "campo" e "cidade", a sua relação com a comunidade e sonhos individuais, mas que também inclui uma preocupação com o coletivo familiar. As entrevistas consistiram em três etapas. 1) Identificação do entrevistado e trajetória pessoal, 2) Percepções sobre a comunidade e 3) Percepções sobre projetos futuros.

As entrevistas concedidas mostraram a visão dos próprios jovens sobre Currais II, onde eles ressaltaram suas visões e críticas, tendo uma ideia de "invisibilidade" sempre presente em relação ao trabalho no "campo" e da própria comunidade em si, fazendo com que esses fatores sejam cruciais para as suas

decisões futuras.

A jovem entrevistada Nayra Hevily<sup>5</sup>, estudante do ensino médio e que possui 16 anos destaca seu ponto de vista sobre a comunidade:

“É uma localidade que falta muito para se desenvolver, porque eu acho que a comunidade é muito “esquecida”, porque falta mais olhares para que ela possa se desenvolver e se inteirar mais com Redenção (centro) e eu acho que falta muita estrutura ainda, falta também a questão dos gestores terem um olhar diferente, não só para cá, mas também para as outras comunidades vizinhas que também precisam dessa atenção. (...) A comunidade é unida e esperançosa porque nós temos sempre aquela esperança que possa melhorar ainda mais. A comunidade é bem família, por que todos aqui se conhecem e outro fator também de destaque é a cultura.”

Outra entrevistada, Erika Maria<sup>6</sup>, que faz faculdade de Administração e que possui 20 anos responde:

“A comunidade é calma, não tem variedades de emprego, muitas vezes a gente tem que sair para a cidade, até para comprar algo ou vender também, devido os moradores daqui serem poucos. A saúde também é algo difícil, pois não tem hospital, só postos de saúde que muitas vezes não tem materiais de procedimentos, medicamentos ou consultas disponíveis para a comunidade e por isso que para você ter algum atendimento médico, tem que ir até a cidade.”

Diante da indagação, todos os entrevistados puderam expressar o seu ponto de vista sobre a comunidade no sentido de “faltas”. Reforçando a visão de alguns, Lucivânia Rodrigues<sup>7</sup>, estudante de Pedagogia e que possui 21 anos ressalta: “É uma comunidade muito boa, calma, que tem pessoas que ajudam umas às outras e por isso se torna um lugar bom de se viver. O ponto mais crucial é a dificuldade de água”.

Ao longo do tempo, a comunidade de Currais II vem mudando o seu modo de vida, pois é notório de acordo com as entrevistas que os jovens de hoje possuem metas e sonhos diferentes dos jovens de antigamente (10 anos atrás). A lógica do espaço também mudou: Antes as pessoas ficavam mais nas ruas, nas calçadas e as crianças brincando em torno das casas. Hoje, como morador da comunidade posso dizer que o espaço que antes era de socialização, ficou apenas um lugar de raros

---

<sup>5</sup> Entrevista concedida no dia 21 de abril de 2017, por Nayra Hevily de Oliveira Silva.

<sup>6</sup> Entrevista concedida no dia 22 de abril de 2017 por Erika Maria da Silva Pinheiro.

<sup>7</sup> Entrevista concedida no dia 25 de abril de 2017 por Lucivânia Rodrigues de Sousa Lima.

encontros de moradores, que se socializam quando podem. Com a chegada da internet na comunidade muitas pessoas preferiram o contato virtual do que espaço real e com isso as interações entre os moradores mudaram significativamente, mas isso não se configura como o único fator dessa mudança, pois há outras questões sociais e econômicas que envolvem essas alterações no modo de vida dos moradores da localidade.

E como esses elementos acima relatados contribuem com a pesquisa? Os jovens da comunidade vivem uma realidade bem diferente da de seus pais e por isso entendo que todo tipo de mudança social seja um dos fatores que de alguma forma indica o que esses jovens são hoje. Pode-se dizer que a partir dos entrevistados é perceptível uma enorme preocupação com o seu futuro, e esse é um dos fatores que mais chama atenção nos diálogos, pois todos querem uma formação acadêmica, um trabalho com boa remuneração, ajudar a família e de alguma forma contribuir com a comunidade. Como relata Marcos Daniel<sup>8</sup>, recém-formado no Ensino Médio de 17 anos: “O meu maior sonho é fazer uma faculdade de Direito, me formar e conseguir um bom emprego, além de contribuir com a minha família em tudo que precisar. ”

Carneiro (1998) com sua obra “campo e cidade no imaginário de jovens rurais” onde estuda duas comunidades rurais situadas nos municípios de Nova Friburgo (RJ) e em Nova Pádua (RS), obra principal para este meu trabalho, evidencia que na adolescência os jovens encontram-se numa fase de construção de identidade, cultivando laços que os prendem a cultura de origem ao mesmo tempo em que vêem sua imagem na cultura urbana, vista como “moderna”.

Os jovens oscilam entre o projeto de construir vidas mais individualizadas, o que se expressa no desejo de "melhorarem o padrão de vida", de "serem algo na vida", e o compromisso com a família, que se confunde também com o sentimento de pertencimento à localidade de origem, já que a família é o espaço privilegiado de sociabilidade nas chamadas "sociedades tradicionais". Dentro dessa ambiguidade está em curso a construção de uma nova identidade. Cultuam laços que os prendem ainda à cultura de origem e, ao mesmo tempo, veem sua autoimagem refletidas no espelho da cultura "urbana", "moderna", que lhes surge como uma referência para a construção de seus projetos para o futuro, geralmente orientados pelo desejo de inserção no mundo moderno. Essa inserção, no entanto, não implica a negação da cultura de origem, mas supõe uma convivência que resulta na ambiguidade de quererem ser, ao mesmo tempo, diferentes e iguais aos da cidade e aos da localidade de origem. (CARNEIRO, 1998)

---

<sup>8</sup> Entrevista concedida no dia 25 de abril de 2017 por Marcos Daniel Pereira da Silva.

De forma semelhante ao que constatou CASTRO (2005) em seu estudo, é possível notar que a juventude rural se encontra diante de muitos desafios e incertezas “entre ficar e sair” do “campo”. As dificuldades relatadas nas entrevistas dos jovens de Currais II são a de permanecer na agricultura, pois existem os limites impostos pela escassez da terra e pouca valorização do agricultor juntando com falta de investimento na produção agrícola e a ausência de empregos em outras áreas como na educação, saúde ou atividade autônoma.

E quando perguntado sobre o que mais o incentiva a permanecer na comunidade o jovem Sérgio Henrique<sup>9</sup>, agricultor de 21 anos responde: “O que me incentiva a ficar na comunidade é apenas a minha família”. E quando questionado sobre o que mais lhe atrai na cidade, fazendo com que ele lá vivesse toda a sua vida, responde: “O que mais me atrai na cidade é a oportunidade de emprego fixo, possibilitando a partir disso uma estabilidade financeira maior para a minha vida”.

E nessa mesma lógica foi perguntado a Maria Raquel<sup>10</sup>, manicure de 21 anos e ela responde:

“O que me incentiva a permanecer na comunidade é a minha família e a comodidade que eu tenho por aqui. Pois eu trabalho como manicure e é bem mais fácil você receber seu dinheiro, pois eu trabalho na hora que eu quero. O que me atrai na cidade são as oportunidades, creio que o mercado lá é bem mais variado e você sabendo investir, você pode ganhar muito dinheiro. [...] e o que me incentiva a sair da comunidade é a falta de oportunidade para aumentar o meu negócio. ”

Continuando na mesma sequência das perguntas Erika Maria, define bem seus objetivos e ressalta os motivos de ficar e os de sair da comunidade:

“O que me incentiva a permanecer aqui em Currais II, é a minha iniciativa de montar o meu próprio negócio, fazendo com que eu possa ajudar de alguma maneira a minha comunidade. O que mais me atrai na cidade é a facilidade de emprego e lá as coisas são mais acessíveis em questão de hospitais, saúde e porque muitas coisas nós só conseguimos resolver na cidade. (...) O que mais me incentiva a sair é a falta de oportunidade para o jovem, principalmente na área que eu estudo que é a de administração. E também porque geralmente aqui no interior para você montar um negócio, você tem que diversificar muito, porque não é toda empresa que abre aqui e

---

<sup>9</sup> Entrevista concedida no dia 1 de maio de 2017 por Sérgio Henrique da Silva Pinheiro.

<sup>10</sup> Entrevista concedida no dia 25 de abril de 2017 por Maria Raquel Pereira da Silva.

ela permanece. Já lá na cidade é mais diferente, pois tem mais público, pessoas diferentes e oportunidades para construir um negócio que lucre mais”.

Cada entrevistado possui um contexto social diferenciado, e foram essas diferenças de idade, pensamentos, sentimentos e de sonhos que eu quis buscar para o meu trabalho, porque a categoria jovem rural muitas vezes é subjugada e vinculada apenas no âmbito da agricultura e por isso que CASTRO (2005) em seu trabalho, procura desmistificar essa categoria:

Permeada de definições genéricas, associada a problemas e expectativas, a categoria tende a ser constantemente substantivada, adjetivada, sem que se busque a auto percepção e formação de identidades daqueles que são definidos como “jovens”. Há muito a ser percorrido neste campo investigativo para nos aproximarmos das muitas juventudes “urbanas” e “rurais”. (CASTRO, 2005, p. 18)

A juventude rural, entendida como uma categoria social específica, também se configura diante da diversidade e da heterogeneidade. Isto decorre do fato de que não é apenas “estar” no espaço rural e situar-se numa faixa etária de idade que configura de modo claro o que “é” um jovem rural ou o que é “ser” um jovem rural. O processo de categorização, ou mesmo de preocupação com a juventude do “campo” se manifesta, como assinala Castro (2005), na problemática de saída dos jovens do meio rural. É a partir deste fenômeno de incerteza que passamos a perceber o que influencia muitos jovens a sair de suas comunidades.

A partir das entrevistas o que pude perceber é que um dos principais motivos de alguns jovens de Currais II quererem sair da comunidade é o fator “oportunidades” que logo vem ligado a “formação” e também “futuro”. Esses fatores destacados são comuns em seus discursos, pois há uma preocupação não só deles, mas da família em querer conquistar tais objetivos.

Quando perguntada sobre quais eram as oportunidades de trabalho que Currais II oferecia, Nayra Hevily respondeu:

“A agricultura e o cultivo de alimentos são uma das principais oportunidades de trabalho, mas também tem a opção de as pessoas abrirem o seu próprio negócio, como por exemplo meu pai que abriu um bar. Mas mesmo assim é difícil manter porque é uma comunidade afastada e para poder trazer recursos também é difícil, fazendo com que a pessoa não lucre muito, ganhando apenas o suficiente para manter o negócio. E eu acho que essas

oportunidades não caberiam a mim, porque não é algo que eu quero e não favorece os meus objetivos”.

Erika Maria ao ser questionada sobre a mesma indagação ressalta o seu ponto de vista:

“Como há muito tempo não tem concurso público por aqui, as vagas de emprego só são dadas para os que são aliados à política, e por isso só há vagas para contratados e o trabalho dura pouco tempo. Nas oportunidades que aqui em Currais possui eu me vejo sim trabalhando em alguma delas, mas não é algo que eu queira para sempre, mas sim como experiência para um primeiro emprego e isso seria ótimo. ”

E nesse mesmo contexto responde Marcos Daniel: “Aqui em Currais II não tem muitas oportunidades de trabalho, só a roça e a agricultura. Eu aproveito essas oportunidades na agricultura enquanto eu não arrumo outro emprego, mas não é algo que eu me vejo trabalhando futuramente”.

É notório que na fala dos entrevistados, Currais II tem sim oportunidades de trabalho, mas não é o que eles almejam, pois aproveitam alguns trabalhos querendo apenas que seja algo provisório, pois acham que essas oportunidades oferecidas pela comunidade não se encaixam em suas metas para o futuro, já que estão inseridos em uma realidade que é notada as dificuldades em permanecer na agricultura, além de outros tipos de trabalho, e que buscam desviar desse tipo de “problema”, tendo como exemplo disso a experiências de vida de seus próprios familiares.

Diante do exposto, reafirma-se, por um lado, há necessidade de uma análise focalizada e aproximada das dinâmicas dos jovens na questão de quererem sair ou permanecer na comunidade, uma vez que são processos que levam em conta várias particularidades dos atores envolvidos, pois como CARNEIRO (1998) designa, existe entre os jovens uma “formulação de projetos individuais” que influenciam suas escolhas, que se traduz na realização de uma carreira profissional e principalmente na busca de uma autonomia maior.

### **2.3 Perspectivas para o futuro.**

Dentro da temática do meu estudo percebem-se nas entrevistas três abordagens acerca da participação dos jovens da comunidade de Currais II nos processos de atuação, perspectivas e sonhos. A primeira refere-se aos “projetos

individuais” (CARNEIRO, 1998) que são projetos profissionais e sonhos da vida, que estabelecem uma discussão entre os interesses do jovem e do grupo familiar. A segunda trata-se dos processos envolvidos na busca dos jovens por acesso a um mundo de oportunidades, relativizando a noção de que o fenômeno migratório se relacione apenas a uma questão “monetizada”, de acesso à renda. Por fim a terceira abordagem trata-se das questões acerca da pluriatividade de pensamentos e metas como mecanismo de perspectivas para um futuro, buscando uma realidade bem diferente da que seus pais tiveram.

De acordo com os entrevistados é notada a dificuldade que estes jovens encontram no acesso à terra (agricultura), pois há um desestímulo para a continuidade da vida no “campo”, pois existe uma ansiedade em busca da independência financeira através do trabalho o que, na maioria dos casos, não acontece quando eles trabalham em conjunto com seus pais em suas propriedades.

Como a agricultura é a principal fonte de renda da comunidade de Currais II, existem vários fatores que acrescentam a dificuldade de muitos jovens em continuar em sua terra, pois no âmbito agrícola existe uma falta de conhecimento técnico, desconhecimento de projetos voltados para a agricultura e outras áreas, além de que todo conhecimento agrário advém do que é repassado pelos pais. O conteúdo da escola, em geral, é direcionado apenas para a realidade urbana, além disso, falta assistência técnica para orientação dos mesmos, falta de crédito para iniciarem alguma atividade, entre outros fatores que interferem fortemente no interesse em permanecer no “campo”.

Apesar do peso dos fatores estruturais, as decisões sobre a migração são tomadas por indivíduos, que variam na avaliação de fatores de atração ou de expulsão. Ademais, na decisão de migrar, provavelmente os fatores de expulsão são anteriores aos de atração, na medida em que os indivíduos fazem um balanço entre a situação vivida e a expectativa sobre a nova situação. Dependendo de como se examina a questão, os estudos sobre a migração de jovens focalizam ora os atrativos no novo ambiente ora os aspectos vistos como negativos no local de origem. Entre os ‘ruralistas’ predominam as análises que apontam antes os fatores de expulsão do que os de atração, como causas da migração. (BRUMER, 2007, p. 3)

Os fatores que levam o jovem de Currais II a ficar ou sair da comunidade são muitos, mas um dos principais motivos que eles levam em consideração é a opinião

da família, pois é a partir do contexto familiar que muitas vezes eles evidenciam a necessidade de saírem ou não. E seguindo essa ideia foi feita a seguinte pergunta: “Há algum incentivo de seus pais para você ficar ou sair da comunidade? Qual é o sonho dos seus pais para você? ”. E nessa ordem de perguntas Erika Maria responde:

“Eu tenho mais incentivo dos meus pais para ficar na comunidade. Mas na verdade como aqui é difícil de conseguir um emprego, querendo ou não se eu fosse trabalhar na minha área que é administração, aqui não tem muita oportunidade para essas coisas, então eu teria que sair, mas se fosse da preferência do meus pais, eles queriam que eu trabalhasse aqui, pois eu ficaria perto deles. O sonho dos meus pais com certeza é que eu estude muito, consiga um emprego, seja independente e viva bem.”

Nayra Hevily<sup>11</sup> relata o ponto de vista de seus pais em relação ao seu futuro, e as perguntas acima ela responde:

“Meus pais sempre me incentivaram a estudar para desenvolver minha capacidade de conseguir um emprego, mas assim, na questão de sair da comunidade, eu acho que meus pais não me veem ainda fora daqui, eles deixam eu estudar fora e tudo, mas para ter um emprego ou morar na cidade, eles acham que ainda é muito cedo. O maior desejo dos meus pais é que eu termine meu ensino médio e possa realizar todos os meus objetivos, pois eles sabem tudo que eu quero fazer, sabem meus planos, sabem o que eu quero me especializar e o que eles mais querem é me ver realizando tudo isso, já que eles não conseguiram realizar o deles, por isso que meus pais me apoiam muito.”

Seguindo a mesma sequência Sérgio Henrique<sup>12</sup> ressalta: “Os meus pais me incentivam a sair, porque aqui não tem empresas e não tem muitas oportunidades de trabalho como tem na cidade. O sonho dos meus pais é que eu consiga um emprego que eu possa viver fixamente as minhas custas”. Lucivânia Rodrigues<sup>13</sup> também relata: “Os meus pais me incentivam a sair da comunidade para procurar emprego na cidade e melhorar de vida. Eles desejam que eu me forme, tenha um bom emprego e construa uma família”.

Conhecendo as tendências migratórias, as visões e perspectivas dos jovens quanto à atividade agrícola, surge a necessidade de procurar pesquisar aspectos

---

<sup>11</sup> Entrevista concedida no dia 14 de maio de 2017, por Nayra Hevily de Oliveira Silva.

<sup>12</sup> Entrevista concedida no dia 15 de maio de 2017 por Sérgio Henrique da Silva Pinheiro.

<sup>13</sup> Entrevista concedida no dia 20 de maio de 2017 por Lucivânia Rodrigues de Sousa Lima.

positivos que favoreçam a sua permanência na comunidade. Desse modo, tornam-se indispensáveis os estudos que analisam o modo de vida, as relações sociais, as condições estruturais, as oportunidades de lazer e acesso a atividades agrícolas e não agrícolas, para jovens de ambos os sexos (BRUMER, 2007).

Na indagação “entre o ficar e sair” (CASTRO, 2005), pode-se compreender a relação de vários aspectos na formulação das decisões dos jovens. Então outro fator de grande destaque é o “sonho”, onde cada entrevistado relata o que mais almeja para a sua vida e que muitas vezes para se realizar, esse processo não inclui o espaço onde vivem, pois muitas vezes a comunidade não possui o que é preciso para concretizar esse “sonho”.

Observa-se um aumento significativo de jovens que se preparam para o vestibular. As carreiras escolhidas apontam para uma certa incompatibilidade com a intenção de continuar vivendo na localidade. (...) Apesar da intenção declarada por alguns jovens de residirem na localidade de origem, são poucos os jovens que efetivamente retornaram após terem cursado a faculdade, mas, por outro lado, já é comum a expressão do desejo de que a emigração represente apenas uma fase do aprendizado supondo o retorno após a obtenção da especialização profissional. (CARNEIRO, 1998).

Cada entrevistado quando perguntado sobre seu “sonho” responde algo referente à profissão, onde cada um se mostrou interessado em uma área para uma atuação futura, como, por exemplo, no âmbito da: Psicologia, Administração, Educação Física, Direito e no ramo empresarial.

Quando foi perguntada sobre seu sonho e em seguida se era possível realizá-lo no espaço/comunidade onde vive, Maria Raquel<sup>14</sup> responde com toda clareza:

“Meu sonho é montar um salão para as minhas clientes e também montar uma empresa de aniversário. É possível realizar esse meu objetivo na comunidade sim, mas com muita dificuldade, porque aqui a quantidade de clientes é pouca e não tem um espaço adequado para a construção desse meu sonho. Por isso que às vezes eu acho que se eu me mudasse para a cidade eu teria um lucro maior.”

Mostrando seu ponto de vista Sérgio Henrique também relata seus desejos e as alternativas para que se possa realizá-los: “Meu sonho é se formar e conseguir um bom emprego. Aqui na comunidade não tem como eu levar adiante meu sonho, porque existe muita dificuldade de conseguir um emprego principalmente na área que eu quero futuramente atuar que é na parte da Educação Física”.

---

<sup>14</sup> Entrevista concedida no dia 21 de maio de 2017 por Maria Raquel Pereira da Silva.

A jovem entrevistada Erika Maria<sup>15</sup>, reforça o seu ponto de vista destacando vários aspectos para o seu futuro:

“No momento o meu sonho é terminar minha faculdade de administração e mais no futuro construir o meu próprio negócio, que eu ainda não sei o que vai ser, pois, ainda vou estudar o mercado, mas quero ver logo essa possibilidade. Eu acho que é possível sim realizar meu sonho aqui na comunidade, pois se eu estudar bem o espaço, o mercado e fazer algo diferente aqui na comunidade, provavelmente meu negócio dará certo.”

Conectando com as respostas dos entrevistados deste trabalho, Carneiro (1998) desenvolve uma tese que mostra uma dualidade em relação às escolhas dos jovens em permanecer ou sair do seu local de origem:

A migração, temporária ou definitiva, para a cidade expõe os jovens ao contato com um sistema variado de valores que são absorvidos, ou rejeitados, atuando tanto no sentido de reforçar os laços identitários com a cultura original quanto no sentido de negá-los. Essa mobilidade simbólica, que permite sentir-se pertencente a uma e a outra cultura, supõe uma margem de negociação entre níveis distintos da realidade [...] associados às relações afetivas com a família e um projeto individualizado que pressupõe uma autonomia face às redes familiares e uma relação impessoal com o mercado de trabalho e outros setores da sociedade. Poderíamos sugerir que dessa relação ambígua com os dois mundos resultaria a elaboração de um novo sistema cultural e de novas identidades sociais que merecem ser objeto de investigações futuras.

Entende-se a importância de se debater acerca do que se pensa sobre o mundo rural, tendo como objetivo elaborar estratégias para não reproduzir conceitos homogêneos, tanto no âmbito social, econômico e físico do “campo”. É necessário que haja uma percepção maior sobre a importância do “campo”, até mesmo pelos próprios jovens de Currais II, para que eles juntamente com as gerações futuras da comunidade, compreendam o quanto os trabalhos ligados ao “campo” simbolicamente depreciativos são tão importantes quanto qualquer outra profissão. Por isso torna-se relevante entender as motivações juvenis e sua relação com as instituições presentes no meio rural, para que possa abrir um panorama diante dos “valores” atribuídos para o “campo” e para a “cidade”

---

<sup>15</sup> Entrevista concedida no dia 14 de maio de 2017 por Erika Maria da Silva Pinheiro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho intitulado “Campo e cidade: Perspectivas entre o ficar e sair de jovens da comunidade de Currais II – CE”, teve como questão norteadora para o desenvolvimento da pesquisa o estudo da “juventude rural”, termo este descrito pelas autoras CASTRO (2005) e CARNEIRO (1998) em seus trabalhos relacionados com a problemática “campo” e “cidade” em diálogo com os anseios e perspectivas dos jovens entrevistados.

Foi ao longo da construção deste trabalho que obtive uma reflexão sobre vários aspectos relacionados ao pensar sobre o “campo” e da “cidade”. Foi a partir disso que eu pude perceber que essas categorias foram criadas de acordo com aspectos, características e conceitos diferentes atribuídos ao longo da história, categorias estas que se modificam mediante realidades e contextos distintos, que também se alteram de acordo com o período em que foram produzidas.

Não há um conceito hegemônico sobre “campo” ou “cidade”. O que se mostra mais provável é a criação de mitos acerca de como se pode definir esses termos de acordo com cada realidade, sendo que ao longo do tempo as associações para estas categorias se mostraram opostas: opunham-se no sentido de que as virtudes exaltadas de um se fortaleciam sobre as deficiências e carências do outro. Assim, as qualidades e afirmações do “campo” e da “cidade” acabaram se tornando distintas e praticamente imutáveis em vários contextos.

A comunidade de Currais II é o local onde estão inseridos os jovens da pesquisa. Conhecida como “rural”, à localidade são atribuídas características tanto negativas como também positivas, de acordo com os entrevistados. Mas o que prevalece em seus discursos são questões ligadas às perspectivas para futuro em conexão com a ótica do trabalho, sendo esse um dos fatores primordiais em suas escolhas de permanecerem ou não na comunidade. Mas a questão não está no fato de quererem sair ou ficar, mas sim nos motivos que os levam a tomarem tal decisão. Sendo estas circunstâncias oriundas de um pensamento que atribui características atrasadas para o “campo” e modernas para a “cidade”, essa hierarquização é fator que muitas vezes influencia os jovens a não optarem por atividades exercidas no meio rural, pois tais atividades são, em sua maioria, associadas a práticas agrícolas. E em Currais II, local onde se situa o objeto do estudo, essa condição de desvalorização é perceptível nas falas dos entrevistados.

A metodologia adotada para o trabalho mostrou-se eficaz, pois as informações coletadas durante as conversas e entrevistas foram muito importantes para se atingir os objetivos propostos para esta pesquisa. Foi possível constatar nos discursos a visão dos jovens sobre os diversos aspectos da comunidade e principalmente sobre seus anseios e metas para o futuro – que infelizmente não estão projetados diretamente para a comunidade, pois em sua maioria, acham que não é possível realizar seus sonhos em Currais II. Por isso, é importante entender quais os “valores” atribuídos aos espaços definidos como “campo” e “cidade” e às interações e motivações desses jovens no contexto rural.

Assim como os entrevistados, qualquer pessoa que viva no “campo” detém do livre arbítrio para as suas escolhas diante do processo de ficar ou sair de uma comunidade. O motivo dessa pesquisa, e que sempre foi um incômodo para mim, foi tentar entender o que leva muitas pessoas a desmerecerem atividades exercidas no meio rural e exaltarem em grande parte a vida no meio urbano. Correlato a esse pensamento é a percepção de que o “campo” é local de ignorância e a “cidade” de sabedoria, ponto de vista bem perceptível na fala dos jovens entrevistados. E é esse tipo de discurso que mais me impulsiona a querer investigar o porque eles são produzidos e muitas vezes propagados como verdade absoluta.

Então pode-se concluir que esta pesquisa foi muito significativa para mim e com certeza tive muito mais conhecimento adquirido a partir da prática em campo, leituras e orientações. Em suma, as pesquisas são referentes a um local, período e pessoas de um determinado tempo (2017) e que futuramente mostrará como era o pensamento de alguns jovens de uma determinada comunidade de nome Currais II, acerca de pontos de vista e modos de pensar sobre o “campo” e a “cidade” e como essas categorias influenciavam diretamente em suas perspectivas para o futuro.

## REFERÊNCIAS

- BAGLI, Priscila. Rural e urbano nos municípios de Presidente Prudente, Álvares Machado e Mirante do Paranapanema: dos mitos pretéritos às recentes transformações. Presidente Prudente: UNESP, 2006. (Dissertação de Mestrado)
- BAENINGER, R. Redistribuição espacial da população e urbanização: mudanças e tendências recentes. In: GONÇALVES, M.F.; BRANDÃO, C.A.; GALVÃO, A.C. (Orgs). Regiões e cidades, cidades nas regiões: o desafio urbano regional. São Paulo: Editora UNESP, 2003. p. 271-288.
- BRUMER, Anita. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de. Juventude rural em perspectiva. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- CARNEIRO, M.J. Ruralidade: novas identidades em construção. CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL (SOBER), 23, Anais... Natal: Sober, p.147-185, 1997.
- CARNEIRO, M.J. O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: SILVA, F.C.T.; SANTOS, R.; COSTA, L.F.C. (Org.). Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- CASTRO, E. G. de. Entre Ficar e Sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Rio de Janeiro: PPGAS/MN/UFRJ, 2005.
- FERRÃO, J. Relações entre mundo rural e mundo urbano: evolução histórica, situação atual e pistas para o futuro. EURE (Santiago - Chile), vol.26, nº78, p.123-130, Set. 2000.
- JACINTO, Janério M; MENDES, César M; PEREHOUSKEI, Nestor A. O Rural e o Urbano: Contribuições Para a Compreensão da Relação do Espaço Rural e do Espaço Urbano. Revista Percurso - NEMO Maringá, v. 4, n. 2, p. 173- 191, 2012.
- MARQUES, T. S. Dinâmicas territoriais e as relações urbano-rurais. Revista da Faculdade de Letras – Geografia, 1 Serie, Vol. XIX, Porto, p. 507-521, 2003.
- MOREIRA, E. V. Ruralidade e multifuncionalidade no espaço rural dos municípios de Piedade e Pilar do Sul – SP. Pres. Prudente: FCT/UNESP, 2012 (Tese de doutorado em Geografia).
- MONTE-MÓR, Roberto Luis. A relação urbano-rural no Brasil contemporâneo. II Seminário Internacional sobre desenvolvimento Regional. Santa Cruz do Sul-RS, 28/09 a 01/10 de 2004.
- OLIVEIRA, E. G. O lazer e a melhoria da qualidade de vida dos jovens rurais de São João Evangelista – MG. Dissertação (Mestrado em Meio Ambiente e

Sustentabilidade). Centro Universitário de Caratinga. Caratinga: UNEC, 2006.

PAULO, Maria de Assunção Lima de. Juventude rural: suas construções identitárias. 1. ed. Recife, PE: Editora Universitária UFPE, 2011.

PEGORETTI, Michela Sagrillo; SANCHES, Suely da Penha. Dicotomia rural x urbano e segregação sócio-espacial: uma análise da acessibilidade ligada à problemática do transporte dos estudantes do campo. Anais: Encontros Nacionais da ANPUR, [S.l.], v. 11, maio 2013.

REIS, D. S. dos. O Rural e o urbano no Brasil. ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, ABEP, 15. Anais... Caxambu (MG), p. 01-13, 2006.

WHITACKER, A. M. Campo e cidade. Cidades médias e pequenas. Algumas proposições para a pesquisa e o debate. In: LOPES, Diva M. L.; HENRIQUE, W. (Org.). Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso. Salvador: CEI, p. 187-194, 2010 (Série Estudos e Pesquisas, 87)

WHITAKER, D.; ANTUNIASSI, M. H. R. Escola pública localizada na zona rural: contribuições para a sua estruturação. Cadernos Cedes, Campinas, n. 33, p. 9-42, 1992.

WILLIAMS, Raymond. O campo e a cidade: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

## ICONOGRAFIA

IMAGEM 1: Visão via satélite da comunidade de Currais. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/Currais,+Reden%C3%A7%C3%A3o++CE/@4.3687546,38.707171,1949a,35y,38.93t/data=!3m1!1e3!4m13!1m7!3m6!1s0x7bf2d903e0df879:0xaf1fec154194fc!2zQ3VycmFpcywgUmVhZDp8OjbyAtIENF!3b1!8m2!3d4.3536752!4d38.7113866!3m4!1s0x7bf2d903e0df879:0xaf1fec154194fc!8m2!3d4.3536752!4d-38.7113866>> Acesso em: 10 mar. 2017.

## **APÊNDICES.**

### **Apêndice 1 – Roteiro das entrevistas com os jovens de Currais II.**

#### *Identificação do entrevistado e trajetória pessoal*

1. Nome completo e idade?
2. Você sempre morou na comunidade de Currais II?
3. Você tem irmão? Quantos?
4. Quais escolas você já estudou? E onde elas se localizam?
5. Qual o grau de escolaridade de seus pais? Qual o trabalho dos seus pais? Eles gostam do que fazem?
6. Há algum incentivo de seus pais para você ficar ou sair da comunidade? Qual é o sonho dos seus pais para você?

#### *Percepções sobre a comunidade*

7. Qual o seu ponto de vista sobre Currais II? O que acha bom ou ruim?
8. Você poderia citar algumas características da comunidade de Currais II?
9. O que te incentiva a permanecer na comunidade? O que mais o atrai na cidade e faria com que você ali vivesse toda a sua vida?
10. Caso queira sair, o que te incentiva a querer sair da comunidade?
11. Para você quais são as oportunidades de trabalho em Currais II?

#### *Percepções sobre projetos futuros*

12. Qual o seu maior sonho?
13. É possível realizar seu sonho no espaço onde você vive?

**Apêndice 2 – Termo de Consentimento.****TERMO DE CONSENTIMENTO****NOME:** \_\_\_\_\_

Este **Consentimento Informado** explica o trabalho de conclusão de curso “Campo e cidade: Perspectivas entre o ficar e sair de jovens da comunidade de Currais II – CE.” do curso de Bacharelado em Humanidades da UNILAB.

A minha participação consiste na recepção do aluno André Victor da Silva Oliveira para a realização de entrevistas e a gravação de meus depoimentos em prol de seu trabalho de conclusão de curso.

Fui orientado de que as informações obtidas serão utilizadas em seu TCC, e arquivada pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB). Por isso, (  ) **AUTORIZO** / (  ) **NÃO AUTORIZO** a minha identificação.

---

Assinatura

**REDENÇÃO-CE**  
**2017**